

LYRA, Diogo. *A república dos meninos, juventude, tráfico e virtude*. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013. 304 p.

Betânia Mueller

(Mestre em Antropologia pelo PPGA/UFF. Doutoranda em Antropologia no PPGA/UFF)

O livro “*A República dos meninos; juventude tráfico e virtude*”, trata de uma pesquisa etnográfica voltada à compreensão de um grupo de garotos institucionalizados no CRIAM de Nova Iguaçu, instituição encarregada de abrigar e administrar medidas socioeducativas à jovens em regime semia-berto, em liberdade assistida ou prestando serviços à comunidade. Dessa pesquisa foram produzidas observações do autor no convívio com os meninos, bem como um grande número de diálogos e entrevistas, alguns dos quais o autor descreve no livro.

O autor, Diogo Lyra, é doutor em Sociologia pelo IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), onde também cursou seu Mestrado. Graduou-se em Direito pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), e trabalhou como coordenador da Comissão de Direitos Humanos da ALERJ (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro).

No prefácio, Michel Misse introduz os questionamentos que motivaram a escolha de pesquisa de Lyra; são os “garotos armados do morro”, sejam eles do tráfico de drogas ou assaltantes, compreensíveis de alguma maneira? Possuem eles códigos próprios, regras, compartilham valores? Que processos e trajetórias os levam a escolher o caminho do crime e não outros, como o da estudo e do trabalho legal? Dentre outras questões.

Na opinião de Misse, existem no Rio de Janeiro boas pesquisas e estudos sobre a violência e o tráfico nas favelas, sendo que a pesquisa de Lyra ganha particular relevância por preocupar-se com o ângulo dos meninos, com a compreensão do seu mundo e como eles o enxergam. Por fim, chama a

atenção para o grande número de crianças e adolescentes que foram mortos pela polícia no Rio de Janeiro nos últimos anos, cerca de 2 mil entre 2006 a 2009, nas favelas, becos e periferias cariocas. Frente a esse quadro, questiona o que estarão pensando esses jovens a respeito disso, um pouco do que Lyra tentou descobrir em sua empreitada (MISSE, 2013, p. 11-13).

Lyra introduz o livro fazendo uma analogia dos garotos armados do morro com o mito de Faetone, que ao descobrir-se filho do Deus-Sol, que concede-lhe um desejo, escolhe guiar o Carro do Sol, um ato de grandeza mas que trazia perigo de vida. Sonhava com o esplendor da corrida pelo espaço em uma nave reluzente e poderosa, que fornecia luz e calor ao mundo. O pai, alertou Faetone dos riscos dessa jornada, porém ele não lhe deu ouvidos. Alçou vôo no Carro do Sol, sentindo-se a princípio o próprio Senhor dos Céus, até que perdeu o controle do carro para os cavalos indomáveis que o guiavam, acabando por ser extinguido por um raio proferido pelo deus Jove. Faetone acabou envolto em chamas que extinguiram seus sonhos. Na visão de Lyra, os garotos armados do morro também escolhem jornadas ambiciosas e perigosas, em busca não de sentirem-se deuses como desejava Faetone, mas de terem autonomia, dignidade e liberdade em uma república de meninos.

Ainda na introdução, analisando o atual estado das pesquisas com os conhecidos como “jovens em conflito com a lei”, Lyra critica uma ênfase excessiva que tem sido dada nessas pesquisas ao “conflito com a lei” em detrimento do “jovem”. A falta de conhecimento sobre quem realmente são esses jovens, é na opinião do autor uma grande lacuna nas ciências sociais, constituindo eles um grupo bastante estudado, porém igualmente incompreendido. Decidido a fazer diferente, o autor propõe-se então a tratar de um certo tipo de juventude, não de um certo tipo de violência.

No primeiro capítulo, “As Artes de um Estado – *Sobre juventude, visões teóricas e instituições*”, o autor traça um esboço sobre as contribuições teóricas mais importantes produzidas sobre o tema da violência e da juventude em conflito com a lei, e de como o interesse por esses temas começou a existir no Brasil, desde a chegada da República. Fala sobre as mudanças no trata-

mento dos jovens em conflito com a lei, da formulação do *Código de Menores* em 1927, em que a ênfase e maior preocupação era apartar o jovem vulnerável ou em conflito com a lei da família, que era má influência para ele, e da sociedade, para a qual representava um perigo, repreendê-lo e reeducá-lo para o retorno a sociedade e ao mercado de trabalho, até o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), de 1990 e vigente até os dias de hoje, com ênfase e preocupação maiores na proteção, reeducação e ressocialização do jovem.

Nesse capítulo, Lyra reconhece no debate sociológico o que considera as principais contribuições de autores para essa temática, como a obra de Alba Zaluar, *A máquina e a revolta* (1985), em que a autora analisa, conforme Lyra, a formação da identidade do trabalhador pobre brasileiro e sua relação posterior com a adesão juvenil a grupos armados, as obras de Luis Antonio Machado da Silva com sua noção de “cultura da violência” (1992; 1993; 1995; 1999; 2004; e 2006), que pretende não uma análise direta sobre o jovem violento, mas uma interpretação mais ampla sobre a violência, a obra de Michel Misse (1999), que analisa o que chama de “acumulação social da violência”, dentre outros.

O segundo capítulo, “Notas Metodológicas, *das tentativas de compreender e ser compreendido*”, trata, como indica o título, de uma descrição dos métodos e técnicas utilizados pelo autor em sua pesquisa, bem como alguns dados estatísticos e explicações sobre o contexto dos jovens em conflito com a lei no estado do Rio de Janeiro e a instituição onde a pesquisa foi realizada. Nesse capítulo o autor explica as etapas e caminhos institucionais pelos quais o jovem passa quando em “conflito com a lei”, podendo chegar a um CRIAM, (Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Menor) que compõe o Departamento Geral de Ação Socioeducativa, (DEGASE, órgão responsável pela execução do ECA no estado do Rio de Janeiro). Em um desses CRIAMs, o de Nova Iguaçu, Lyra realizou sua pesquisa.

Ainda nesse capítulo, descreve o local, suas instalações, recursos, funcionários e rotina, o perfil dos garotos, e relata como foi sua inserção no campo, o método utilizado, a apuração dos dados, etc. Descreve também como se iniciou e se deu a comunicação com os garotos, a princípio de forma difícil,

a observação e participação em suas atividades rotineiras posteriormente, a realização de entrevistas e posterior organização do material em “mapas temáticos”, um esquema que fez para dividir e classificar o enorme material que resultou da pesquisa em diferentes questões trazidas pelos meninos.

No terceiro capítulo, “Autônomos do 157 e Assalariados do 12, *sobre meios e fins de um começo de vida*”, Lyra descreve o que chama de “processos sociais singulares”, o que leva cada garoto a entrar para o crime, seja do tráfico ou de assalto. Analisa características específicas de cada um desses, fazendo referência ao mundo do trabalho tradicional, como os meninos parecem enxergar suas funções criminosas, como um trabalho. Assim, chega as categorias “autônomos do 157”, que corresponde aos assaltantes, com um trabalho mais “livre” e podendo ter um rendimento maior em relação aos “assalariados do 12”, que possuem um cargo sujeito a uma hierarquia específica e salário fixo.

Como parte desses processos sociais singulares, Lyra traça algumas considerações, sobre etapas do desenvolvimento dos garotos, que ele divide em infância, individuação e autonomia, a busca dos meninos por independência e o que eles chamam de se tornar “sujeito-homem”, categoria que independe de idade, mas sim de uma postura a que se atribui respeito, autonomia e independência. Divide as motivações em uma classificação de “interesse” e “vontade”, que compreendem diversas possibilidades, e analisa característica de cada uma das duas “carreiras”, bem como das motivações por trás da adesão a cada uma delas. Essas motivações incluem a necessidade financeira ou o simples interesse em ter dinheiro para “farrá” e da independência financeira, a atração das mulheres, no caso dos traficantes, o status dentro da comunidade, o interesse de proteger a comunidade, fazer parte de um grupo de iguais, dentre outras.

No quarto capítulo, “O *Big Stick* do Morro, *da imaginação de uma república de meninos*”, Lyra descreve o que ele considera como a descoberta de uma função secreta nos grupos de meninos envolvidos com o tráfico, a existência de um sentimento de pertença a um grupo de iguais, que consideram que é ou deveria ser como uma “família”, mais que um “trabalho”. Nesse

capítulo, ele adentra questões como a percepção dos meninos das comunidades onde vivem, do seu papel nessa comunidade e da sua relação com os moradores.

Os garotos se veriam de certa forma como heróis que protegem sua comunidade das “invasões estrangeiras”, da milícia, da polícia, de facções rivais, que buscam o bem na sua relação com os moradores, com quem compartilham valores diferentes dos existentes no “asfalto”, valores de igualdade e apoio mútuo, frente ao descaso do Estado, que só se faria presente no Morro como forma de repressão e corrupção policial.

No quinto capítulo, “Gramática de Garotos, *sobre categorias nativas, valores cativos e virtudes públicas*” o autor descreve um pouco das categorias, valores e virtudes próprias dos meninos, como eles as percebem, o valor da humildade, da responsabilidade, dentre outros. Para isso, Lyra utiliza boas técnicas de entrevista no diálogo com os meninos, lançando mão de metáforas, gírias nativas e situações hipotéticas para buscar realmente contemplá-los em suas categorias.

“Pergunta: E o que é esse lance de humildade?”

Resposta: Pô, a humildade, tá ligado, é tu fortalecer os caidinho. Fortalecer quem não tem” (LYRA, 2013, p. 239).

No último capítulo, “Palavras Finais ou a Máquina do Tempo, *do futuro e seus planos*”, Lyra pergunta aos meninos sobre como percebem seu futuro, sendo as respostas descritas mais um desejo de voltar no tempo e mudar o que passou. Um desejo de ter um futuro diferente. Para Lyra, é o desejo de serem libertos, da conquista da dignidade, de construir sua própria vida, afirmar sua autonomia perante o mundo. Ter uma casa, uma família, um trabalho, assim como a maioria de nós (LYRA, 2013, p 281).

Para concluir, considero a pesquisa de Lyra sobre os “garotos armados do morro” uma grande contribuição para as ciências sociais, na medida que o autor faz uma análise original proveniente de suas críticas às teorias existentes e do que viu no seu contexto empírico, no contato com seus interlocutores. É uma análise de grande pertinência, que atualiza a temática ao provocar reflexão sobre os caminhos trilhados pelos garotos que se envolvem com

a criminalidade por diferentes razões, descartando rótulos prévios sobre essas questões, sobre sua maneira de ser, se perceber e enxergar o mundo.

Na “república dos meninos” não existem cidadãos, no máximo *crias*. Não existe o universal, apenas o caso concreto. Mas na “república dos meninos”, onde também não existe a República, existe virtude e ela é capaz de produzir o bem comum. Os garotos armados do morro justificam moralmente sua presença na comunidade como oriunda de um pacto selado entre eles e os moradores, pacto esse que instaura um novo direito onde antes, aos seus olhos, parecia não haver nenhum (LYRA, 2013, p. 208).

Ao se dispor a ouvir e conhecer quem realmente são esses meninos, o contexto em que vivem, o que querem, dentre outras questões, Lyra constrói, com grande cooperação dos mesmos a invenção da “República dos meninos”. Em seus diálogos, os meninos mostraram que obedecem a seu próprio código de conduta, sua lógica contextual e seus próprios valores compartilhados, sua própria lealdade, confiança, seu pertencimento, mas que mais do que isso, mostraram que esses existem.